

## ***E coiso e tal* – algumas considerações sobre o uso de linguagem vaga em enunciados narrativos orais**

Armindo de Moraes  
Universidade Aberta / FCT

### **1. Introdução e objectivos**

Um estudo empírico de enunciados autênticos produzidos em situação de interação oral permite identificar o uso recorrente de palavras e expressões caracterizáveis pelo maior ou menor grau de imprecisão do seu conteúdo semântico.

Por contraposição a um falante “ideal” que se exprimiria sempre de uma forma clara e precisa, o falante “real”, em função da situação e contexto de comunicação, parece optar conscientemente por unidades linguísticas de conteúdo vago que, aparentemente, melhor se adequam à sua percepção da situação comunicativa e aos seus objectivos de comunicação.

Subscrevendo a proposta de Channel (1994), estamos perante um uso vago da linguagem quando podemos identificar palavras e expressões que introduzem directa e deliberadamente uma dimensão de incerteza, de falta de precisão, na proposição onde surgem<sup>1</sup>. A sua ocorrência tanto pode procurar colmatar uma falha lexical, como dar corpo a uma escolha consciente de imprecisão no discurso numa determinada situação de comunicação. Da sua utilização não resulta qualquer tipo de “ruído” comunicativo: o interlocutor aceita o grau de (im)precisão como apropriado à situação de comunicação em que se encontra e/ou ao género textual em que ocorre.

Ao procurar identificar as diferentes estratégias discursivo-pragmáticas utilizadas na produção de enunciados narrativos durante a conversação, mais precisamente, aquelas que promovem o envolvimento<sup>2</sup> do interlocutor na construção do sentido do narrado, colocou-se a hipótese de que o estudo dos fenómenos de Linguagem Vaga identificados no *corpus* de Enunciados Narrativos analisado poderia ser perspectivado a partir do mesmo foco de abordagem. Dito de outra forma, os fenómenos de Linguagem

---

<sup>1</sup> Nas palavras da própria autora: “An expression or word is vague if: it can be contrasted with another word or expression which appears to render the same proposition; it is ‘purposely and unabashedly vague’; its meaning arises from the ‘intrinsic uncertainty’ referred to by Peirce.” (Channel, 1994:20)

<sup>2</sup> O conceito de “envolvimento” aqui utilizado corresponde àquele desenvolvido por Tannen (2000), a partir da noção de função fática do discurso proposta por Malinowsky, sublinhando a dimensão relacional da comunicação. Segundo a autora, na actualização de diferentes géneros discursivos, os sujeitos promovem diferentes estratégias de envolvimento dos interlocutores no mundo textual que vão criando, levando-os a participarem na sua construção.

Vaga estudados fazem parte daquele conjunto de estratégias de focalização<sup>3</sup> através dos quais o Narrador procura orientar a atenção do Narratário, quer dirigindo-a para determinados aspectos da narrativa, quer afastando-a de outros, e, ao mesmo tempo, motivá-lo para uma participação activa na construção dos sentidos subjacentes ao narrado.

Na prática, aplicou-se o enfoque acima delineado a um *corpus* de 75 Enunciados Narrativos produzidos em situação de interacção oral, com os seguintes objectivos:

- i) Identificar e descrever distribucionalmente ocorrências de Linguagem Vaga num *corpus* de Enunciados Narrativos Oraís;
- ii) Caracterizar as diferentes funções do uso de Palavras / Expressões que introduzem vaguidade num enunciado;
- iii) Verificar a hipótese desses usos reflectirem estratégias de construção de intencionalidade discursiva através das quais o narrador procura:
  - Envolver o narratário na construção de sentidos da narrativa;
  - Condicionar a sua interpretação do narrado.

## 2. Enquadramento Teórico

No presente trabalho seguiu-se um enquadramento teórico interdisciplinar:

Das áreas da Linguística Cognitiva, recorreu-se aos conceitos de Esquemas de Organização Conceptual (Fillmore, 1977) de Categorização (Rosh, 1975), de Sriação (Jefferson, 1990) e ao de Vaguidade proposto por Channel (1994). Da área da Análise do Discurso aplicada ao Género Narrativo Oral partiu-se do trabalho pioneiro de Labov (1972) e das suas posteriores revisões propostas por autores quer da Análise da Conversação (Norrick, 2000; Georgakopoulou, 1997; Quasthof, 1980) quer da Narratologia (Bres, 1994; Adam, 1990).

Por último, em diferentes estudos de Pragmática foi recolhido um conjunto de conceitos e de abordagens relevantes para a presente investigação:

A partir de Kallmeyer (1978) e Rodrigues (1998) utilizou-se o conceito de Focalização referido anteriormente. Nos estudos desenvolvidos sobre o português oral seguiu-se de perto o trabalho pioneiro de Franco (1997) sobre o uso de Expressões Abreviadas em final de enunciado, que foi combinado com as observações de Rodrigues (1998) referentes às Actividades de Encerramento de unidade comunicativa e aos Marcadores Conversacionais de Manutenção e Cedência de Vez. Recorreu-se também aos conceitos de Palavra-*passe-partout* e Sinais de Imprecisão (Koch & Oesterreicher, 1990), utilizados pela primeira vez para o português por Brauer-Figueiredo (1999) bem como aos conceitos de Atenuação e de Circunscrição aplicados em análises do português oral culto do Brasil por Rosa (1992) e Ilari, *et al.* (1996) respectivamente.

---

<sup>3</sup> Retoma-se aqui a proposta de Kallmeyer (1978) que define focalização como um fenómeno discursivo através do qual os interlocutores estão envolvidos na orientação de actividades comunicativas futuras, ou seja, na criação de um foco de atenção. A focalização corresponde, na prática, a um conjunto de estratégias que visam aproximar ou afastar a atenção do ouvinte do tema ou do foco da acção.

### 3. Definição do *Subcorpus* de Trabalho

No *corpus* de interações orais recolhido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, foram seleccionados 75 Enunciados Narrativos [E.N.] que realizam todas as macroproposições narrativas, incluindo aquelas que fazem a articulação com o texto anterior e posterior à sequência narrativa. Assim, para além das macroproposições que constituem o núcleo da narrativa – Orientação, Acção, Resultado e Avaliação Final – consideraram-se também as ocorrências de Linguagem Vaga quer na macroproposição de abertura – Ataque – quer na de encerramento – Coda. Esta exigência está relacionada com a hipótese de ocorrência de Expressões Vagas com funções de organização conversacional.

Constituiu-se, assim, um *Subcorpus* de 50 interações orais informais pertencentes ao domínio privado em duas áreas temáticas distintas: casa e família; profissão. Os exemplos que deram origem à taxonomia desenvolvida a partir dos estudos acima referidos, surgem identificados com o código da interação do *corpus* de origem seguido da referência ‘pi-casa e família’ ou ‘pi-profissão’.

### 4. Resultados da Análise

O quadro 1 sumariza os fenómenos identificados, bem como a categorização proposta para a sua análise.

Quadro 1

<ul style="list-style-type: none"> <li>i. Expressões de Aproximação           <ul style="list-style-type: none"> <li>i.i. Aproximação a Marcos Temporais</li> <li>i.ii. Aproximação a Quantidades               <ul style="list-style-type: none"> <li>i.ii.i. Quantificadores Vagos numéricos</li> <li>i.ii.ii. Quantificadores Vagos não-numéricos</li> </ul> </li> </ul> </li> <li>ii. Expressões Vagas de Categorização</li> <li>iii. Expressões Vagas que abreviam partes do Discurso           <ul style="list-style-type: none"> <li>iii.i. Partes do Discurso Relatado</li> <li>iii.i. Partes da Narrativa</li> </ul> </li> <li>iv. Expressões Vagas que marcam as fronteiras da Sequência Narrativa</li> <li>v. Expressões Vagas de Modalização Epistémica</li> </ul>
--

Proceder-se-á, de seguida, à apresentação de cada um dos tipos de Linguagem Vaga referidos no quadro 1, procurando descrever distribucionalmente as suas ocorrências e, posteriormente, caracterizar as diferentes funções do seu uso no enunciado. Iniciar-se-á cada uma das partes com um exemplo do fenómeno em causa seguido da sua análise detalhada. A expressão em análise aparecerá em **negrito**. De seguida

acrescentar-se-ão outros exemplos com a respectiva análise distribucional e, por último, propor-se-á uma leitura funcional do seu uso.

## i. Expressões de Aproximação

### i.i. Aproximação a Marcos Temporais

Ex.1: quer-se dizer xxx / eram seis e **tal** da tarde / **perto das sete** horas //  
C22-pi casa e família

Em casos como os do exemplo 1 verifica-se o acrescento de material lexical a uma proposição resultando numa leitura vaga do marco temporal uma vez que não se designam limites temporais precisos, mas intervalos de tempo cuja extensão não é especificada.

A Expressão de Aproximação é associada a um ou dois momentos de referência, no exemplo referido *seis* e *sete horas*. Cabe ao interlocutor, através do seu conhecimento do contexto, do cotexto e do mundo, definir um intervalo de aproximação coerente para cada uma das ocorrências. Desta forma ele co-constrói o sentido do enunciado onde ocorre. Há ainda que referir que a segunda ocorrência – *perto das sete horas* – pode ser lida como uma forma de precisão em relação à expressão de aproximação anterior – *seis e tal*. No entanto, como a anterior, a sua leitura implica a representação de um intervalo de tempo, no quadro do qual o interlocutor situará o evento narrado.

Outros exemplos:

Distribuição: Numeral + Expressão de Aproximação (tag)

Ex.2: estiveram lá durante a noite até / portanto / até às duas horas / **ou isso** //  
C22-pi casa e família

Distribuição: Expressão de aproximação + Numeral

Ex.3: esta agora / aqui **há coisa de uns** [/] **ainda não há dois meses** // também foi de repente //

C528-pi casa e família

Ainda no quadro das Expressões de Aproximação a um Marco Temporal, poder-se-iam incluir exemplos em que o intervalo de tempo é estabelecido através de uma expressão fixa que corresponde a um momento impossível de determinar com exactidão. Essa Expressão de Aproximação Temporal pode ser ancorada quer num momento anterior, quer posterior à sua ocorrência.

No primeiro caso, a locução temporal composta pela contracção da preposição *de*, indicando procedência, com o deíctico *aí* seguidos da preposição *a*, permite estabelecer uma fronteira temporal à esquerda, em relação à qual devem ser interpretados marcos temporais posteriores (ver exemplos 4 e 5).

No segundo caso, através da forma impessoal de *haver* com o valor de – *ter decorrido tempo* –, é o momento de enunciação que serve de fronteira temporal à direita, fronteira em relação à qual se estabelece o intervalo de tempo decorrido (ver exemplo 6). Em ambos os casos a vaguidade é introduzida por um Quantificador Vago Não-numérico, embora seja possível introduzir variações de valor através do uso do diminutivo, como se verifica no exemplo 6.

Distribuição: Locução de tempo + Quantificador Vago Não-numérico

Ex.4: de maneira que / **daí a bocado** / a sentinela informou / ...

A475-pi casa e família

Ex.5: de maneira que ela chega-se para ver a Sofia // chega-se para ver a Sofia // claro **daqui a bocado** está a pôr os pés em cima da escada que desce //

C294-pi casa e família

Distribuição: há + Quantificador Vago Não-numérico

Ex.6: soube **há bocadinho** / < hhh / essa / hhh > / ... essa / essa coisa //

A347-pi profi

Quanto à função destas Expressões Vagas de Aproximação a Marcos Temporais, pode concluir-se que através do seu uso o locutor tem a possibilidade de:

- i) marcar informação como não-exacta (ver ex: 1,2);
- ii) aumentar o grau de precisão em relação a informação dada, com o fechamento do intervalo de aproximação (ver ex.1,3).
- iii) sublinhar a proximidade de uma ocorrência X em relação a um momento Y (ver ex: 4,5 e 6), evitando estabelecer com precisão o tempo decorrido entre X e Y. Nos exemplos analisados essa informação, a ser dada com exactidão, ia adquirir uma relevância que, aparentemente, foi considerada inapropriada pelo narrador.

### **i.ii. Aproximação a Quantidades**

Recorrentemente o locutor evita uma referência numérica exacta, utilizando para tal quantificadores imprecisos cujo significado é determinado relacionalmente, isto é, cuja interpretação só é viável enquanto elemento de uma escala. No *corpus* analisado foi possível identificar Quantificadores Vagos Numéricos e Não-numéricos deste tipo.

#### **i.ii.i. Quantificadores Vagos Numéricos**

Ex.7: eu tinha escrito / a **vários** colegas # / dele // a saber informações //

C630-pi casa e família

No exemplo 7 surge um quantificador vago – *vários* – seguido de um nome contável no plural. A sua leitura é definida relacionalmente dentro de uma possível escala composta por: *poucos* – *alguns* – *vários* – *bastantes* – *muitos* – *todos*. *Vários* implica mais do que *poucos* e menos que *bastantes* / *muitos* / *todos*.

O reconhecimento do valor do Quantificador Vago decorre do contexto em que surge. Assim, no exemplo acima, a referência a vários interlocutores realça a preocupação do narrador quanto à obtenção de notícias, possuindo – *vários* – o traço de + quantidade.

Outros exemplos:

Distribuição: quantificador + nome contável

Ex.8: olhe / eu por acaso / só vi lá **uns números** / em cima da sua mesa // quando lá estive / na sua casa //

A479-pi casa e família

Distribuição: quantificador + Ø

Ex.9: / [<] < se eles > estudam mais a minha cadeira / por qualquer razão // ou se sou eu que dou / classificações um bocadinho assim mais: / benévolas // não sei // de certo modo / há **muitos** que dizem que estudam a minha disciplina só porque as outras não lhes interessam nada # // mas há **um ou dois** assim //

C32-pi profi

### **i.ii.ii. Quantificadores Vagos não-numéricos**

Ex.10: bem / mas vi o casaco / andou à procura **numa data de** sítios //

C294-pi casa e família

Como no caso dos anteriores, o significado destes Quantificadores Vagos é determinado relacionalmente, isto é, são interpretáveis enquanto elementos de uma escala, não explicitando qual a quantidade verdadeiramente envolvida.

Também o reconhecimento do seu sentido decorre do co-texto em que surge. No exemplo 10, a referência a uma data de sítios realça a preocupação do narrador em acentuar o esforço investido na busca, possuindo – *uma data de* – o traço de + quantidade.

Outros exemplos:

Distribuição: quantificador não numérico + nome contável

Ex.11: e aquilo é um trabalho de rotina incrível // a gente tem **um / xis de** doentes //

A287-pi profi

No ex.11 a referência “neutra” ao número de doentes explica-se na medida em que o que está nem causa no enunciado onde se insere é a paleta de actividades realizadas pelo locutor, que é resumida avaliativamente pela expressão – *rotina incrível*. Neste caso – *um X de doentes* – possui o traço de +/- quantidade (valor neutro).

Distribuição: verbo + quantificador não-numérico

Ex.12: e foram depois / descansar **um bocado** / foram-se deitar //

C528-pi casa e família

No exemplo 12 – *um bocado* – refere um período de tempo impreciso com uma leitura de – tempo, que resulta do contexto em que o enunciado é produzido.

Em outros exemplos foi possível identificar um uso de quantificadores não-numéricos do tipo – *um bocado* – com uma função atenuadora quanto ao envolvimento do falante com a acção ou estado de coisas que refere. Channel (1994: 110) defende que, nestes casos, a expressão em causa não corresponde a um quantificador mas a um modalizador da atitude do falante sobre o seu discurso<sup>4</sup>.

Como se observa nos exemplos seguintes o locutor tanto pode pretender atenuar a força do que disse anteriormente (ver exemplo 13) quanto do que vai ser dito a seguir (ver ex:14).

Ex.13: .../ eu por mim / sofri **um bocado** isso //

C980-pi casa e família

Ex.14: o filme até é muito interessante // até é **um bocadinho** fora do vulgar //

A356-pi casa e família

No exemplo 13 o valor semântico do verbo utilizado – *sofrer* – é atenuado pelo uso do modalizador. Em 14 é o qualificador – *fora do vulgar* – que é atenuado pela expressão – *um bocadinho*. Esta função de atenuação deve ser interpretada no quadro de um trabalho de face.

## 2. Expressões Vagas de Categorização

Ex.15: mas a Mimi / faleceu o marido // e ela foi ao funeral (1) // foi ver enterrar o marido (2) // **tudo aquilo** (3) //

A528-pi casa e família

Para a definição e abordagem deste grupo de Expressões Vagas, foi fundamental o trabalho de Franco (1979) sobre Estruturas Frásicas Abreviadas em português, sobretudo pela proposta inovadora de interpretação destes fenómenos à luz da teoria semântica de Fillmore (1977) e da sua “scene-and-frame analysis”, bem como a investigação desenvolvida por Chanell (1994) sobre referência vaga a categorias, servindo-se para tal dos estudos sobre prototipicidade de Rosch (1975).

Consideram-se Expressões Vagas de Categorização, expressões que referem vagamente categorias, funcionando como qualificadores. São constituídas por elementos, por via de regra, usados anaforicamente e com valor resumitivo. A sua função é sugerir, evitando uma especificação exaustiva, outros itens que partilham um aspecto relevante com aquele(s) que antecede(m) a expressão vaga, pertencendo quer à

<sup>4</sup> Daqui decorre que a mesma autora proponha uma leitura contrária para estes exemplos, isto é, que um enunciado do tipo – *eu sou um bocado apologista disso* – é mais preciso que – *eu sou apologista disso* – quanto à atitude do locutor perante o enunciado.

mesma categoria quer, como no ex. 14, à mesma cena<sup>5</sup>. Estas expressões são referidas na bibliografia consultada como “tags” (Channel, 1994), “generalized list completer” (Jefferson, 1990), ou “estruturas frásicas abreviadas” (Franco, 1997), apontando todos estes autores para o seu posicionamento em final de série e/ou unidade comunicativa.

Potencialmente as Expressões Vagas de Categorização ocorrem como complementadores frásicos de séries de três itens (Jefferson, 1990), surgindo na posição de terceiro elemento (ver novamente o exemplo 15, bem como os exemplos 16 e 17. A série de 3 elementos está marcada com números entre parentesis).

Ex.16: primos meus // o Eduardo (1) / o Mário (2) / **isso tudo** (3) / a fazer-lhes companhia /

C528-pi casa e família

EX:17: o rapaz não escreveu // esperei quinze dias (1) / três semanas (2) / **e tal** (3) // e não vinha resposta //

C630-pi casa e família

O *corpus* permitiu também identificar um conjunto relativamente estável de expressões deste tipo: **...e tal, ...e tudo, ...e assim, ...e tudo aquilo; ...e aquilo tudo.**

Para além de exemplos sem carga avaliativa, como em 15, 16 e 17, foi possível identificar outros em que esta é evidente:

Ex.18: continuou: / com aquela chachada / da base das relações humanas de confiança (1) / e Ø de / amizade (2) / **e outras tretas assim** (3) //

A293-pi profi

Ex.19: e a malta pôs-lhe o caviar no prato pá // ... // e: os respectivos acompanhamentos pá // salsa (1) pá / ovo picado (2) pá / **todas aquelas porcarias** (3) pá //

A380-pi profi

Repare-se que o item ou itens verbalizados correspondem, normalmente, a exemplares prototípicos da categoria em causa. Cabe ao interlocutor “preencher”, a partir dos seus conhecimentos do mundo e da situação de comunicação, a lista de possíveis itens pertencentes à mesma categoria e que são activados pela presença da Expressão Vaga de Categorização. No caso do exemplo 18 a locutora está a acusar o chefe de a haver enganado no pagamento e para tal desmonta o seu discurso que considera hipócrita. “confiança”, “amizade” são valores “vazios” dado o comportamento contrário da pessoa que os evoca. São também os valores que melhor se contra-põem ao ocorrido: ao enganá-la o seu chefe incorreu numa quebra de confiança e tendo-

<sup>5</sup> Utiliza-se aqui o termo “cena” no sentido de Fillmore (1977:57) que inclui, “not only visual scenes but familiar kinds of interpersonal transactions, standard scenarios, familiar layouts, institutional structures, enactive experiences, body image; and in general, any kind of coherent segment, large or small, of human beliefs, actions, experiences or imaginings”.



-se comportado como um falso amigo. Cabe ao interlocutor completar a série de valores que, pelo comportamento comentado, seriam também sinais de hipocrisia. No exemplo 19, que reproduz um enunciado de um comissário de bordo, “salsa” e “ovo picado” podem ser vistos como o acompanhamento prototípico de caviar naquela companhia de aviação. Neste caso específico o valor depreciativo que a Expressão Vaga de Categorização transporta não é tanto aplicável aos elementos da categoria – “bens alimentares que acompanham caviar” – mas deve ser interpretado como uma forma de desvalorização do facto de consumir caviar por parte do narrador, por contraposição à sua sobrevalorização pelo passageiro. A ironia da história de onde foi retirado o exemplo decorre exactamente desse comportamento inadequado.

Por último, as Expressões Vagas de Categorização podem também ocorrer após a introdução de um novo tópico conversacional como se pode observar no exemplo 20.

Ex.20: ... / cá // a propósito assim de pais [tópico] **e tal** // ...  
C980-pi casa e família

Neste caso – *e tal* – delimita o termo que refere o tópico introduzido apontando-o como o núcleo da unidade temática seguinte.

### iii. Expressões Vagas que abreviam partes do Discurso

Neste grupo incluem-se Expressões Vagas através das quais o locutor acelera o ritmo da narrativa, ao mesmo tempo que apaga elementos por ele considerados não relevantes, distractores ou não-conformes à interpretação pretendida.

A Expressão Vaga pode surgir quer em sequências de Discurso Relatado, quer em sequências narrativas propriamente ditas, geralmente em final de enunciado.

#### iii.i. Expressões Vagas que abreviam Discurso Relatado

Nestes casos a Expressão Vaga pode surgir em trechos de Discurso Relatado substituindo:

a) rotinas da conversação desnecessárias para a economia da narrativa e que são facilmente reconstituídas pelo interlocutor;

Ex.21: ó Tói / olha / **e tal** / como vai a tua vida / **e tal** // que é que tu tens nas mãos?

C630-pi casa e família

b) discurso conhecido, considerado repetitivo pelo locutor, avaliando indirectamente o seu conteúdo;

Ex.22: e ela / não / mas eu: / não acho bem / eu não acho bem / **não sei que mais** //  
o &ci [/] o cigarro é para os homens / **não sei que mais** //

C1379-pi casa e família

c) discurso que reproduz um esquema de construção discursiva já utilizado anteriormente.

Ex.23: depois voltou-se / para o sul-americano // e oiça uma coisa // onde é que deitaram: / a bomba atómica: / **tal / tal ...#** //

A479-pi casa e família

### iii.ii. Expressões Vagas que abreviam partes da Narrativa

Ex.24: pronto / lá metemos a senhora // e eu no dia seguinte vou ler ao: / ao / Diário de Notícias // cidade e tal // a senhora dona **não sei quê** / de sessenta e **não sei quantos** anos / pau // chegou morta ao hospital //

A475-pi casa e família

A Expressão Vaga substitui informações consideradas irrelevantes pelo narrador e marcadas como tal (ver exemplo 24) ou resume partes da acção, acelerando o ritmo da narração (ver exemplo 25).

Ex.25: andava aqui / a chatear-me / **assim / assado** / assim de espera //

A390-pi casa e família

Repare-se no carácter fixo das expressões utilizadas.

### iv. Expressões Vagas que marcam as fronteiras da Sequência Narrativa

A Expressão Vaga funciona como um articulador textual, marcando o início ou o fim de uma sequência discursiva ou estabelecendo as fronteiras de um quadro-tópico.

No primeiro caso, a Expressão Vaga:

a) corresponde a um Anúncio ou Pré-anúncio<sup>6</sup> do acto comunicativo que se segue, criando expectativa quanto aos acontecimentos / estado de coisas que vão ser objecto de narração. (Ver exemplos 26 e 27)

Distribuição: verbo que refere genericamente uma ocorrência + palavra vaga + superlativo

Ex.26: ainda ontem isso /aconteceu uma coisa muito engraçada //

C22-pi casa e família

Ex.27: e depois  $\emptyset$  **coisas muito engraçadas** // quando estava no banho punha-se ...

A508-pi profi

---

<sup>6</sup> Segundo Rehbein (1984:243) a função central do Pré-anúncio é focalizar a atenção do interlocutor para a relevância da unidade discursiva a introduzir. “A pre-announcement therefore contains a demand for the hearer to give an explicit and positive point of view about the planned action, in this way, to enable the speaker to make his resolution of execution”. Na mesma linha Rodrigues (1998:81) contrapõe o Pré-anúncio ao Anúncio Anteposto na medida em que, ao contrário deste último, não contém qualquer explicitação sobre ilocução, modalidade ou tema, concentrando-se no apelo à atenção e à vontade do interlocutor de receber o discurso que anuncia.

b) corresponde a uma Expressão de Localização Temporal imprecisa que faz a transição para o tempo da narrativa, como nos exemplos 28 e 29.

Ex.28: **uma vez** // foi num dia de festa // estávamos assim todos /  
C1379-pi casa e família

Ex.29: eu **aqui atrasado** / não sei se / não sei se já lhes contei esta // que foi a de [/]  
A380-pi profi

No segundo caso a Expressão Vaga funciona como um Marcador Conversacional Final, fechando o acto comunicativo realizado ao sinalizar o encerramento dos acontecimentos/estados de coisas referido. Em exemplos deste tipo tanto pode funcionar como marcador de manutenção de vez, procedendo à transição para um novo acto comunicativo dentro da vez do mesmo locutor, (ver exemplo 30) como pode sinalizar a vontade de cedência de vez ao interlocutor (ver exemplo 31, 32).

Ex.30: e quem lê / é a minha criada / que é [/] que é muito beata // e gosta muito / de ler a revista // **não sei** // (...)  
A479-pi casa e família

Ex.31: e portanto na questão [/] nesta &cois [/] na questão de relação com a raparigas / **é assim** //  
A353-pi casa e família

Ex.32: \*FER: [<] < são muito unidos > // andam sempre juntos // hhh /  
\*PRI: andam // **é sempre assim** //  
\*FER: sim senhor //  
\*PRI: e passamos a vida **assim** / menina //  
C22-pi casa e família

Os exemplos mais comuns correspondem a expressões relativamente fixas e semanticamente vazias com um valor conclusivo, do tipo – *é assim*.

## 5. Expressões Vagas de Modalização Epistémica

Neste último grupo de Expressões Vagas encontram-se aquelas que introduzem um elemento de incerteza no enunciado, ressaltando a posição do falante quanto à veracidade do afirmado.

Como no caso das Expressões de Atitude Proposicional e de alguns adverbais modais, o recurso a este tipo de expressões permite ao falante distanciar-se daquilo que disse anteriormente, exprimindo a sua incerteza quanto ao afirmado e salvaguardando a sua face perante a eventualidade de um erro ou de uma inexactidão.

Distribuição: conector adversativo + expressão vaga.

Ex.32: < tem assim [ ] chama-se Encíclica / ou qualquer coisa assim do género > //  
A479-pi casa e família

Ex.33: e ela fez aquela associação com a fôrmica / com que ela forrou umas  
gavetas da cozinha / ou não sei o quê //

A479-pi casa e família

Ex.34: estiveram lá durante a noite até / portanto / até às duas horas / ou isso //  
C528-pi casa e família

## 6. Conclusões

O uso de Linguagem Vaga na comunicação oral é uma prática recorrente e, na maioria dos casos analisados, tem objectivos discursivo-pragmáticos precisos.

A par de colmatarem falhas de conhecimento lexical ou de conteúdo, ou de preencherem espaços de hesitação (formas pelas quais é normalmente referenciada em estudos de cariz normativo) os usos de Linguagem Vaga resultam de uma opção intencional do locutor. Servindo-se de palavras ou expressões Vagas, ele pode:

a) Dar a quantidade adequada de informação: na maior parte dos casos, uma informação mais precisa seria interpretada pelo interlocutor ou como preciosismo sem valor comunicativo, ou como uma chamada de atenção para um detalhe que, inesperada e obrigatoriamente, passaria a adquirir uma outra relevância no texto produzido (ver pontos 1 e 2);

b) Ceder a quantidade pretendida de informação: o locutor, ao optar por uma determinada forma vaga de se referir a um evento, a algo ou a alguém, tanto pode pretender afastar a atenção do interlocutor de uma determinada informação, desfocalizando a sua atenção de aspectos considerados não-relevantes, como, pelo contrário, despertar a sua atenção para algo que, aparentemente, parece esconder (ver ponto 3: i e ii);

c) Marcar etapas na construção do texto: através de expressões vagas que fazem parte de estratégias de abertura – Anúncios e Pré-anúncios – ou de estratégias de encerramento de unidades comunicacionais, o locutor sinaliza as fronteiras do enunciado ou da sequência discursiva produzida (ver ponto 4);

d) Agir persuasivamente sobre o interlocutor envolvendo-o na construção dos sentidos do texto: na maioria dos casos os usos de linguagem Vaga são um desafio ao interlocutor para que participe na construção do sentido do texto produzido. Cabe-lhe completar, a partir dos seus conhecimentos do cotexto, do contexto e do mundo, a informação que é cedida de uma forma vaga (ver pontos 1 / 2).

f) Construir a sua própria imagem como locutor / narrador: o uso de Linguagem Vaga pode resultar quer de uma intenção de protecção de face (negativa e positiva), quer de uma estratégia de cortesia, quer de uma vontade explícita de criar uma atmosfera de informalidade e proximidade na conversação (ver pontos 1: ii, iii / 5).

## Referências

- Adam, J.-M. (1990) *Éléments de Linguistique Textuelle*. Liège: Mardaga.
- Brauer-Figueiredo, M. F. (1999) *Gesprochenes Portugiesisch*. Frankfurt am Main: Verlag Teo Ferrer de Mesquita.
- Bres, J. (1994) *La Narrativité*. Louvain-la-Neuve: Éditions Duculot.
- Channell, J. (1994) *Vague Language*. Oxford: Oxford University Press.
- Fillmore, C. (1977) Scenes-and-frame semantics. In *Linguistic Structures Processing*, A. Zampolli (ed.) Amsterdam: North Holland, pp. 55-81.
- Franco, A. (1997) Estruturas frásicas abreviadas em português e alemão – alguns aspectos da linguagem espontânea falada, In Lüdtke, H. & J. Schmidt-Radefelt, (ed.) *Linguística Contrastiva*, Acta Romanica, Band 9, Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- Georgakopoulou, A. (1997) *Narrative Performances, A study of Modern Greek storytelling*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Ilari, R. et al. (1996) Considerações sobre a posição dos Advérbios. In A. de Castilho (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. I, Campinas: Unicamp, pp. 63-142.
- Jefferson, G. (1990) *List construction as a task and resource*. In Psathas, G. (ed) *Interaction Competence*. Washington DC: University Press of America.
- Kallmeyer, W. (1978) Fokuswechsel und Fokussierungen als Aktivitäten der Gesprächskonstitution. In Meyer-Hermann, R. (ed) *Sprechen-Handeln-Interaktion*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 191-241.
- Koch, P. & W. Oesterreicher (1990) *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Labov, W. (1972) *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Norrick, N. (2000) *Conversational Narrative, Storytelling in Everyday Talk*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Nascimento, M. F. & M. L. Marques. M. L. Cruz (eds.) (1987) *Português Fundamental. Volume II: Método e Documentos*. Lisboa: I.N.I.C./C.L.U.L.
- Quasthoff, U. (1980) *Erzählen in Gesprächen*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- Rehbein, J. (1984) Announcing – On Formulating Plans”, In. Coulmas F. (ed.), *Conversational Routine*. The Hague: Mouton Publishers, pp. 215-258.
- Rodrigues, I. (1998) *Sinais Conversacionais de Alternância de Vez*. Porto: Granito, Editores e Livreiros.
- Rosa, M. (1992) *Marcadores de Atenuação*. São Paulo: Contexto.
- Rosh, E. (1975) Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology*. 104, pp. 192-233.
- Tannen, D. (2000) *Talking Voices*. Cambridge: Cambridge University Press.